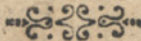


MALICIA
DAS
MULHERES.



OBRA NOVAMENTE FEITA, E CHAMADA
Malicia das Mulheres; porque nella se trataõ muitas sentenças,
authenticadas à cerca da malicia, que ha em algumas dellas,
e se trata como duas mulheres enganarã seus ma-
ridos graciosamente.

Por Balthazar Dias.



LISBOA OCCIDENTAL,

Na Officina de MANOEL FERNANDES DA COSTA,
Impressor do Santo Officio. Anno de 1738.

Com todas as licenças necessarias, e Privilegio Real.

A' custa de Miguel de Almeida e Valconcellos, Mercador de Livros.

Senhor, o vosso conselho
Taõ conforme ao meu desejo
Sempre por elle me rejo,
Porque elle he hum espelho;
Em qué de continuo me vejo.

Desejo de me casar,
Para tomar meu estado,
Mas temo de ser casado,
Porque os vejo queixar,
E viver em graõ cuidado.

Bem sey que esse he o demõnio
Que faz aos nascidos guerra:
Eu temo o pezo da terra
Da carga do Matrimonio,
Que darà comigo em terra.

Em as leys podereis ler,
Assim o dizem os antigos,
Se nellas o quereis ver,
Que tem trabalho, e perigo
Quem tem filhos, e mulher.

Marco Aurelio afamado,
Fallando dos casamentos,
Dizia em Roma ao Senado,
Seis annos, que fuy casado,
Me parecerão seiscentos.

Trinta e seis que fuy solteiro,
Me parecerão seis dias.
Meu amigo verdadeiro,
He muito grande matreiro.
Casar por todas as vias.

Hum decreto singular
Diz hum douto muy sabido:
Naõ combate tanto o mar
As náos no seu navegar,

Como a mulher ao marido.

Se os navegantes coitados
Vem o perigo correr,
Mais he muito o dos casados.
Com os filhos, e mulher,
Com a fazenda, e criados.

He cousa muy perigosa
Guardar joya taõ prezada,
Porque a mulher casada,
Mayormente se he fermosa,
He de muitos desejada.

He forçado que a vejaõ;
Que naõ se póde encerrar:
Se nisto quereis olhar,
Cousa, que muitos desejaõ,
He muito mà de guardar.

Se he fea, está sabido,
Que tem vida muy penosa,
Porque pede ao marido
Cada dia hum vestido,
Porque pareça fermosa.

Se vé trazer hum calçado,
Ou hum vestido à visinha,
He o coitado esfolado,
Porque logo muy azinha
Outro lhe ha de fendado.

Querem mais do que convem,
Donde mostraõ sua maroa,
Deshonraõ a quantos vem,
Entraõ dizem que naõ tem
Outra arma senaõ a lingua.

Ellas buscaõ arruidos
Sempre à cea, e ao jantar,
Nunca cessaõ de bradar,
Em que saybaõ que os maridos
Por isso as haõ de matar.

(3)

Não as castiga o parir,
Nem tão pouco o criar,
Para as poder emendar,
A tudo querem acudir,
Em tudo querem mandar.

Não fey quem casar se quer
Em este mundo d'agora,
Pois sabe quem tem saber,
Que se muda a mulher
Trinta vezes cada hora.

Quando no Tejo não houver
Agua, e toda se seccar,
Nem o mar peixes tiver.
Então faltará à mulher,
Malicia para enganar.

Eva enganou a Adam,
Crendo mundanos prazeres.
E por esta tal razão,
Quem se confia em mulheres,
Temo engano na mão.

E se quizeres saber
Sua maldade notoria,
Escutayme esta hitoria,
Que agora quero dizer,
Que he para ter na memoria.

Duas comadres daninhas
Moravão em certos lugares,
Tão amigas de folgares,
Como de comer galinhas,
E outros gostosos manjares.

Vierão se a ajuntar
Huma Pascoa, e foy esta,
E metlhe fazer mais festa,
Fazerão-se a merendar
Depois de dormir a festa.

Varios manjares comião

De coulas muy curiosas,
E as comadres famosas
A cada passo bebião,
Porque estavão sequiosas.

Acabando esta contenda,
Sua merenda tão bella,
Differão sem mais cautella:
Façamos outra merenda
Domingo de Pascoella.

E ha de ser com tal partido,
Que havemos de enganar
Cada huma a seu marido,
E quem melhor o zombar,
Ganhe sem mais arruido.

A outra foy muy contente,
Porque para enganar,
Outra não podia achar
Para isto mais diligente
Em todo aquelle lugar.

Logo a comadre primeira,
Que isto quiz inventar,
Determinou de enganar
O seu à segunda feira,
Logo sem mais dilatar.

E tanto que anoiteceo,
Ordenou todos seus tratos,
A agua toda escondeo,
E huma quarta encheo,
De çogidade de gatos.

E depois de se deitar
O coitado do marido,
Escondeo-lhe o vestido,
Todo sem nenhum ficar,
Para fazer seu partido.

E querendo amanhecer,
Esta malvada comadre

Começou alto a gemer,
Fingindo querer morrer
Doente de dor de madre.

Mostrando ter grande mágoa.
Fez o marido acordar,
Dizendo-lhe: Hide buscar
Logo hum pucaro de agua,
Porque me quero finar.

Por escusar mais batalha,
Foyse o triste levantar,
Porém nunca pode achar
Em casa pucaro, ou talha,
Onde ella sohia estar.

Disse: Por certo mulher,
Naõ acho pucaro, nem talha,
Aonde ella sohia ser;
Naõ sey, assim Deos me valha,
Quem no la foy esconder.

Disse ella: A morte me toma,
Que naõ posso já viver,
Da quarta, que fuy encher,
Tomay agua com a boca,
Vinde-me dar de beber.

O triste, sem suspeitar
A maldadé dos contratos,
Tomou a quarta no ar,
Encheo a boca, e o padar
Da çugidade de gatos.

Disse-lhe: Olhay cà, mulher,
O gato da nossa Martha,
Que o demo cà foy trazer.
Cagou toda esta quarta,
Que tinheis para beber.

Disse ella com grande mágoa:
Eu estou doente des lonte,
Hide enxaguala à fonte,

E trazey-ma chea de agua,
Antes que a morte me afronte.

O coitado do marido
Correo por toda a poufada,
E naõ achando vestido,
Foy sem camiza despido,
Por contentar a malvada.

Como tinha ordenado.
O que havia de fazer
Esta enganosa mulher,
Fez hum homem amortalhado
Natural ao parecer.

E vendo o marido entrar,
Como mulher muy arteira,
Começou de o prantear,
Dizendo desta maneira,
Como agora quero contar.

Dizia: Amor verdadeiro,
Quem vos matou tão azinha?
Coitada de mim me squinha,
Que farey sem meu parceiro
Meu amor, e gloria minha?

Viuva desamparada,
Que farey só sem ninguem,
O meu marido, o meu bem,
Que em estar de vs apartada
Triste vida me convem.

O coitado do marido,
Doudo peyor, que san'eu,
Nú, como quando nasceu,
Ficou como entontecido,
Quando vio o pranto seu.

Disse: Pois naõ fois fina'lo,
Porque me carpes, mulher?
Por certo naõ posso crer,
Senaõ que venho errado,

O demo me fez erguer.

E cuidando não ser sua
A casa, onde ella estava,
Despido assim como andava
Tornou-se outra vez á rua
Com a quarta, que levava.

A mulher, que o vio tornar
Desfez o que feito tinha
Depressa, e muito azinha
Se tornou logo a deitar,
Mostrando-se muy mesquinha.

E o coitado paciente
Todo o lugar veyo correr,
Nisto veyo a amanhecer
Sahindo de casa a gente,
Começou de se benzer.

E vendo-o assim andar
Com a quarta ao pesçoço,
Com o mais que quero callar,
Começaraõ de o apoupar,
E fazer grande alvorçoço.

Com graõ soma de apupada
Tanto o fizeraõ correr,
Atè dentro meter
Muy corrido na poufada,
E doente para morrer.

A mulher com rizo, e pranto
Sem poder dissimular,
Começou-o a deshonnar,
Que porque tardara tanto,
Deixando-a para espirar.

O marido lhe contou
O que lhe acontecera,
Que ella muito folgou,
Dizendo: Eu sey quem ganhou
A merenda, que se espera.

O coitado do marido

Contou como o escarnecera,
E da agua, que bebera,
E o mais como o fizera
Pela rua andar despido.

A outra tinha o marido
Feito à sua vontade
Della, como està sabido,
Porque cra taõ entendido
Como hum afno de Alvalade.

Vendo-o de fóra chegar,
Disse-lhe: Embora venhais,
Alviçaras me haveis de dar,
Que ElRey manda, que se jais
Duque em este lugar.

Se assim houver de ser,
Em verdade, minha filha,
Que vos hey de dar, mulher,
Huma saya de palmilha
Para esta fazer trazer.

Por escuzar a batalha,
ElRey vos manda levar
Hum vestido de folgar,
E huma coroa de palha,
Feita à feição de alguidar.

E logo aquella mã peça
Pedio a hum seu parceiro
Hum vestido de gaitero,
Com a coroa na cabeça
Mayor que grande sombreiro.

E porque mais lhe apupassem,
Deitou castanhas piladas
A quantos moços achassem,
Que as coltas lhe quebrassem
Com somma de laranjada.

Com huma gaita na mão,

Tangendo sem descançar,
Assim o mandou entrar
Na Igreja de S. Giaõ,
Hum pedaço do lugar.

E em saindo da poufada,
Saltaraõ os moços com elle.
Deraõ-lhe tal surriada,
Com soma de laranja da,
Fizeraõ mão pezar d'elle.

Cachopos, quereis-me deixar?
Que a mim chamaõ D. Giaõ,
Duque de todo o Certaõ,
Mandarvos-hey açoutar:
Se me puzer des a mão.

E os rapazes daninhos
Naõ deixaraõ de atirar,
Porque os mais eraõ visinhos,
Fizeraõ-lhe mão pezar
Das costas, e dos focinhos.

E de tal forte corraõ
O coitado do villaõ,
Tacs escarnecos lhe fizeraõ,
Que com graõ furia o meteraõ
Na Igreja de S. Giaõ.

E tanto que entrou na Igreja,
Todo de gente cercado,
Disse ao Cura honrado:
Tem-me esta gente inveja,
Porque sou Duque ordenado.

Disse-me minha mulher,
Que eu sou Duque do Certaõ,
Mayor del Rey D. Joaõ,
E logo, se Deos quizer,
Me haveis de beijar a mão.

Eu lho tenho em mercea,
Por me fazer Duque assim,

E a esta gente ruim
Chimpalla-hey na cadea,
Porque escarnece de mim.

E os Padres, que alli estavaõ,
Quando assim o viraõ entrar,
Tal rizo lhes fez tomar;
Que a Missa, que celebravaõ,
Naõ a podiaõ cantar.

E logo sem mais demora,
Naõ podendo dizer Missa,
Vendo a negra cobiça,
Fizeraõ-no deitar fóra
Da Igreja por justiça,

E tanto que o viraõ fóra,
Naõ se fartando de rir,
Tornaõ-no a facudir,
Que em espaço de meya hora,
Era cousa para rir.

Outra vez às laranjadas
O fizeraõ recolher,
E a malvada mulher
Dava tão grandes rizadas,
Que era espanto de ver.

Armou-se grande contenda
Sobre isto no lugar,
Não volo posso contar,
Pois quem ganhou a Terenda,
Vós o podereis julgar.

Se em Terencio ler quizerem
Acharão estes extremos
Aquelles que bem o lerem,
Quando quèremos, não quèrem,
Querem, quando não quèremos.

Volve-se o seu intento
Como as aves do ar,
E segundo dellas sento,

Nunca tem o entendimento
Sempre posto em hum lugar.

Bellas cousas, que ao presente
Agora vamos contar,
Posso muy bem afirmar,
Que será pouco prudente
Quem com ellas conversar.

Porque todo o que souber
A traça, que ha nas mulheres,
Não as ha de querer ver,
Senão sempre aborrecer
A ellas, e seus prazeres.

Dizia Cicero muy capaz,
No liyro da Amicicia:
Em nenhuma firmeza jaz,
Mas antes todas são mãs,
Cheas de toda a malicia.

Diogenes as pregoa,
Ovidio outro que tal,
Dizem todos em geral:
Não ha nenhuma tão boa,
Em que não haja algum mal.

Muitos Doutores em somma
Perguntaõ bem com razaõ
Em hum liyro da descripçaõ
Dos sete Sabios de Roma
Podeis ver quem elles são.

Sete qualidades tem,
Porque maliceraõ com ellas,
Que casallas não convêm,
As quaes dircy por item,
Porque todos fujaõ dellas.

Na Igreja as verãõ estar
Ouetas, e authorifadas,
E diabos nas poufadas,
Manhosas no praticar,

Por onde são mais malvadas,
Bufos nas janellas ufanas,
Pegas palrreiras á porta,
São cabras na horta,
E enfadamento na cama,
Mal que ninguem não comporta,

No que digo podeis ver
Ser a mulher imperfeita,
No Genesis podeis ler,
Onde Deos a mandou ser
Ao homem sempre fogueita.

Tem muitas tão pouca fê.
Por ter no Mundo os sentidos;
Que vemos (e assim he)
Que trataõ a seus maridos
Como negros de Guinë.

He já cousa tão commua:
Que os homens pizaõ cos pés;
São tão feitas ao révez,
Se os maridos dizem huma,
Ellas lhes respondem dez.

Ha ahí homens tão sofridos,
E mulheres tão malvadas,
Que quando estaõ agastadas
Pellaõ as barbas aos maridos,
E os moem a pancadas.

Ha ahí mulher tão singella,
Que se ao lume poem o comer,
Chama outra tal como ella,
Comem as sopas da panella,
E o mais, que está a cozer.

E quando vem o marido,
Ou da roça, ou do mato;
Ou d'outro qualquer partido,
Por escusar arruido,
Diz que o comeo o gato.

Cuidando que era verdade,
 O coitado como peço,
 E ella por sua maldade
 Faz-lhe comer o pão secco
 Muy contra sua vontade.

Elu homem em Roma havia,
 Que se algum filho casava,
 Publicamente o chorava,
 Porque escravo o fazia
 Da mulher, a quem o dava.

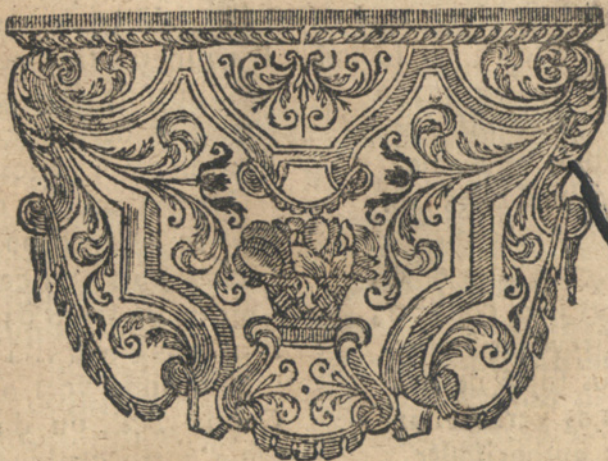
Se cazava sua filha rica,
 Quando alguém lhe perguntava;
 Alegrementemente dizia,
 Que hum escravo comprava,
 Que seu cativo seria.

O homem, que agora casa
 Sempre cativo ha de ser
 Da que lhe daõ por mulher,
 E ella ha de ter em casa
 Quem lhe ganhe de comer.

E pois que a liberdade
 He preço, que não tem par,
 Senhor, esta he a verdade,
 Que não me quero casar,
 Porque não tenho vontade.

Vosso conselho muy saõ
 Não cura minha ferida,
 Perdoay me meu irmão,
 Pois sabeis, que fogueiçaõ
 Encurta os dias da vida.

F I M.



Res
 4283/200